

CRÔNICA: GÊNERO HÍBRIDO NO JORNALISMO ESPORTIVO DE ZERO HORA¹

Marcel Neves Martins²

Beatriz Dornelles³

RESUMO: No contexto da realização de tese sobre a construção do sentido popular da Copa do Mundo de 2014 pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS), refletimos sobre a presença de gêneros jornalísticos no discurso desse diário. A partir da amostra da pesquisa, verificamos que matérias de ZH nem sempre se apresentam na forma de um gênero específico. Os textos assinados a respeito do resultado dos jogos podem ser considerados crônicas e também lugar onde localizamos a combinação de informação e opinião. Para a realização deste artigo, selecionamos duas crônicas de jornalistas diferentes; percebemos que há um modo de produção de textos que transcende os autores e se apresenta dentro de um determinado padrão que acaba por determinar a característica híbrida da crônica no jornalismo esportivo praticado em Zero Hora.

PALAVRAS-CHAVE: *Copa do Mundo; Crônica; Folkjornalismo; Zero Hora.*

ABSTRACT: In order to do a thesis about the World Cup popular meaning built by Zero Hora's newspaper, we reflect about the presence of the journalistic genres in the speech of this publication. Since the research sample, we saw a mix of genres in the Zero Hora's content. The subscribed texts of the matches result may considered chronicles and either a place where we localize the combination of information and opinion. For this paper, we selected two texts of different journalists. We perceive a standard in the texts production what is beyond the authorship and set a hybrid characteristic of the chronicles made into the journalism sportive developed by Zero Hora.

KEYWORDS: *World Cup; Chronicle; Folkjournalism; Zero Hora.*

¹ Trabalho apresentado no GT Estudos em Jornalismo do XIII Seminário Internacional de Comunicação da PUCRS, realizado do dia 17 ao dia 19 de novembro de 2015 pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social dessa instituição em Porto Alegre (RS).

² Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Bacharel em Jornalismo pela Unifra.

³ Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Famedos/PUCRS com Pós-Doutorado pela Universidade Fernando Pessoa (Porto/Portugal).

INTRODUÇÃO

O estudo da comunicação, construção e endereçamento do sentido popular da Copa do Mundo de 2014, no Brasil, pelo jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS), nos encaminhou para o trabalho com a teoria da folkcomunicação, de Luiz Beltrão. Em uma de suas conclusões na obra 'Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias' sobre a prática da folkcomunicação, Beltrão (2001, p. 258) postula que a folkcomunicação jornalística difere do jornalismo convencional porque "a interpretação dos fatos, restrita aos moldes convencionais, não é válida para o folkjornalista". Conforme o autor, há uma tentativa de sensibilizar o público que faz com que o profissional da comunicação trabalhe com mais subjetividade a informação, carregando nas tintas e agindo sobre o acontecimento.

No trabalho com o corpus da tese, notamos que o folkjornalismo encontra ressonância nas páginas dedicadas ao esporte e, mais precisamente, ao futebol. Os jornalistas não ficam presos à mecânica tradicional de tratar dos fatos com isenção, neutralidade e imparcialidade, em que a objetividade é seu marco. Pelo contrário, as tomadas de posição ficam nítidas e há todo um trabalho subjetivo nas matérias.

Na exploração do material de pesquisa, percebemos que as crônicas do Jornal da Copa (caderno especial de Zero Hora criado para a cobertura da Copa do Mundo de 2014) sobre os jogos se caracterizam por ser um formato típico do folkjornalismo ao mesclar informação e opinião, relato e comentário, dos acontecimentos de dentro de campo. Assim, a crônica esportiva se localizaria na fronteira entre os gêneros informativo e opinativo, de modo a não estar presa a nenhum desses gêneros jornalísticos e podendo ser compreendida pela sua ambivalência.

No livro 'Gêneros jornalísticos no Brasil', a crônica aparece vinculada, principalmente, ao jornalismo opinativo, mas mesmo quando é definida a partir desse gênero apresenta marcas do gênero informativo pelo seu potencial de relatar algo. Marques de Melo (2002) apresenta a crônica como gênero informativo no jornalismo hispano-americano e como gênero tipicamente opinativo no jornalismo luso-brasileiro. Em pesquisa a artigos apresentados na Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), vimos que a crônica é objeto de reflexões e, de modo algum, aparece como gênero fechado, mas desponta pela sua versatilidade, se localizando entre o jornalismo e a literatura, fundamentalmente.

Com isso, este artigo se organiza a partir de uma reflexão teórica sobre a crônica, trazendo elementos que marcam um consenso em torno do gênero, como sua etimologia e seu desenvolvimento histórico, apresentando as características da crônica em relação às escolas hispano-americana e luso-brasileira, conforme Marques de Melo (2002), e colocando em debate ideias de pesquisadores que se debruçaram em reflexões sobre o gênero. Em um segundo movimento, analisamos uma crônica de Diogo Olivier e uma crônica de David Coimbra, ambos jornalistas de Zero Hora e que participaram da cobertura da Copa do Mundo de 2014, buscando apreender de forma transversal os elementos que caracterizam a combinação dos gêneros informativo e opinativo nessas crônicas sobre os jogos. Mais do que detectar essa hibridação no texto de cada jornalista, o objetivo é tentar enxergar uma forma-padrão que se apresentaria para além da identificação da matéria a cada profissional.

CRÔNICA: DAS DEFINIÇÕES ÀS INCERTEZAS

Pero Vaz de Caminha (1450-1500), escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral no que teria sido a descoberta do Brasil, e João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921), jornalista e escritor brasileiro, tem em comum, apesar do intervalo entre seus escritos, o fato de ambos registrarem os acontecimentos e circunstâncias que se passavam pelos lugares onde andavam. O que se sucedia no tempo era trazido à baila e o caráter informativo da crônica predominava em seus relatos. Esse fator temporal não só foi marca desses escritores que se destacaram – e vieram a ser reconhecidos – enquanto cronistas como é vinculado ao próprio significado do termo crônica: do grego *chronós*, que remete a tempo, e do latim *chrónica*, relativo ao relato de um acontecimento em uma ordem temporal, isto é, cronológica. A vinculação da crônica ao tempo é uma marca desse gênero textual-discursivo que se apresenta ligado à história, à literatura e ao jornalismo. Essa correlação entre Caminha e João do Rio só faz reforçar que a questão do temporal não se restringe a determinada época.

Caminha é visto por Sá (1985) como um cronista por excelência, na medida em que seus escritos cumpriam à risca essa característica fundamental da crônica e que está vinculada a sua etimologia: a narração em uma sequência temporal. “Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com

os índios e seus costumes [...]” (SÁ, 1985, p. 5). A pretensa perenidade dos seus escritos pode ser considerada uma marca da aproximação da crônica com a história, o que, segundo Marques (2010), se deu por volta do século XII, fazendo surgir a crônica histórica. “Assim, no princípio, a crônica foi crônica histórica, medieval, uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica, tornando-se assim precursora da historiografia moderna. Mais tarde, a crônica, como discurso da história, deu lugar a esta” (MARQUES, 2010, p. 2).

Nesse sentido, e como a própria carta de Caminha sugere, já havia uma espécie de flerte com a literatura. Sá (1985) fala em uma consciência do escritor em relação à possibilidade de aformosear ou afeiar uma narrativa; a partir da observação direta registram-se os fatos de modo a anotar inclusive os mais efêmeros para que ganhem concretude. Assim, o narrador “[...] lembra aos leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances” (SÁ, 1985, p. 6). Aí se efetiva a relação entre a crônica e a literatura, na medida em que “[...] Caminha estabeleceu também o princípio básico da *crônica*: registrar o circunstancial. Nossa literatura nasceu, pois, do circunstancial. Nasceu da crônica” (SÁ, 1985, p. 6-7) [grifo do autor].

A emergência do caráter literário da crônica está vinculado ao período do Renascimento (entre fins do século XIV e início do século XVII), momento em que as informações são veiculadas nas narrativas junto a elementos ficcionais. A proximidade com a literatura está relacionada ainda à inscrição da crônica nos folhetins, seções literárias dos jornais localizadas no rodapé das publicações. A divulgação de crônicas em jornais remonta ao início do século XIX, na França. De acordo com Scheibe (2013), é a partir de 1850, no Brasil, que os espaços para a crônica nos jornais aumentam consideravelmente.

Paulo Barreto, o João do Rio, foi escritor dessa fase em que a crônica ganhou relevo nos jornais e em que a literatura esteve relacionada ao jornalismo. Em seu trabalho, o escritor inovou ao sair da redação para fazer os registros do cotidiano ao invés de ficar esperando por informações. Houve mudança de enfoque, linguagem e da própria estrutura do folhetim (SÁ, 1985).

Com essa modificação, João do Rio consagrou-se como o cronista mundano por excelência, dando à crônica uma roupagem mais “literária”, que, tempos depois, será enriquecida por Rubem Braga: em vez do simples registro formal, o *comentário* de acontecimentos que tanto poderiam ser do conhecimento público como apenas do imaginário do cronista, tudo

examinado pelo ângulo subjetivo da interpretação, ou melhor, pelo ângulo da recriação do real (SÁ, 1985, p. 9) [grifo do autor].

A realização da Semana de Arte Moderna, de 1922, também contribuiu para a mudança na forma de se fazer crônica. A emergência de uma brasilidade junto a esse movimento fez com que os cronistas passassem a trabalhar com uma linguagem mais coloquial, como já fizera Paulo Barreto com certa dose de originalidade. As modificações não ficaram apenas na forma, mas também se estenderam ao conteúdo, na medida em que os cronistas passaram a tratar dos assuntos da vida e do cotidiano do povo. No Brasil, a crônica se afirma a partir dos anos 30 e historicamente apresenta duas fases:

a crônica de costume – que se valia dos fatos cotidianos como fonte de inspiração para um relato poético ou uma descrição literária – e a crônica moderna – que figura no corpo do jornal não como objeto estranho, mas como matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa (MARQUES DE MELO, 2002, p. 149).

Nesse contexto, a crônica já aparece afirmada no jornalismo. Em relação a sua produção e características, ela termina por incorporar o *modus operandi* jornalístico. Sá (1985, p. 10) lembra o fato de que a crônica herda a precariedade do jornal, “esse seu lado efêmero de quem nasce no começo de uma leitura e morre antes que se acabe o dia”. Devido à rapidez de processamento das informações pelos jornais, o cronista acaba tendo seu trabalho influenciado, o que reflete no seu texto. A crônica aparece então como um diálogo leve e solto em que o escritor se propõe a conversar com seu interlocutor. Há o apelo ao circunstancial, já emergente em Caminha, como condição básica para o sucesso da crônica. “[...] o termo assume aqui o sentido específico de pequeno acontecimento do dia a dia, que poderia passar despercebido ou relegado à marginalidade por ser considerado insignificante” (SÁ, 1985, p. 11).

A crônica como forma textual-discursiva, que começa sua trajetória com narrativas históricas, passa a um formato literário e encontra seu lugar nas páginas dos jornais, é marcada por uma fase inicial puramente informativa que, ao longo do tempo, incorpora a ficção e os comentários dos escritores. Nesse sentido, a opinião do cronista ganha destaque nessa espécie de conversa fiada que tem com o leitor. Entretanto, essa é uma característica que, segundo Marques de Melo (2002), a crônica vai ter especialmente no jornalismo luso-brasileiro, pois no jornalismo hispano-americano o predomínio continua sendo a informação em detrimento da opinião. Há aí um primeiro

indício de que as definições sobre o gênero variam e não há, portanto, uma uniformidade conceitual.

No jornalismo hispano-americano há polêmicas que envolvem a crônica e suas configurações variam entre autores e entre países (MARQUES DE MELO, 2002). “A discussão se estabelece em torno da sua origem e da articulação que experimenta com os demais gêneros jornalísticos” (MARQUES DE MELO, 2002, p. 143). No entanto, há uma unanimidade, aponta José Marques de Melo, quanto à percepção da natureza informativa da crônica e sua proximidade com a notícia e a reportagem. Pesquisadores como Martinez Albertos, Martin Vivaldi, Gil Tovar e Eugenio Castelli também parecem concordar que a crônica é um gênero que não se apresenta de forma pura, mas através da combinação entre informação e opinião, relato e comentário. A informação é o principal, contudo, não é veiculada sem a valoração do fato. “Os pesquisadores de fala espanhola de ambos os continentes são convergentes em ressaltar que a crônica é um gênero informativo, sendo sua função precípua oferecer descrições (matizadas pela observação de cada cronista) ao público leitor dos jornais e revistas” (MARQUES DE MELO, 2002, p. 146).

De outra forma, no jornalismo luso-brasileiro a crônica aparece como gênero opinativo. “A crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, situado na fronteira entre a informação de atualidades e a narração literária, configurando-se como um relato poético do real” (MARQUES DE MELO, 2002, p. 147). De acordo com o autor, o lugar da crônica é o das páginas de opinião. Assim, ela é mais próxima do editorial, do artigo e do comentário que da notícia e da reportagem, conforme o autor. José Marques de Melo faz questão de frisar que a característica opinativa da crônica não a afasta dos assuntos do cotidiano, mas, pelo contrário, é do cotidiano e do contemporâneo que se alimenta para dar-lhes um sentido poético.

No livro ‘Gêneros jornalísticos no Brasil’, que tem José Marques de Melo como um de seus organizadores, a crônica aparece tanto vinculada ao gênero informativo quanto ao gênero opinativo – com maior ênfase a este. Em seu artigo sobre o gênero informativo, Laura Conde Tresca apresenta uma classificação de Martinez Albertos em que a crônica aparece como gênero informativo de 2º nível junto à reportagem interpretativa; a sua função é a análise e a interpretação. Por outro lado, Ana Regina Rêgo e Maria Isabel Amphilo apresentam a crônica no gênero opinativo, tendo como referência José Marques de Melo. O detalhe é que na citação que destacam desse pesquisador, as características de relato e narração da crônica se fazem presentes, o que

nos remete a pensar que mesmo sendo vinculada ao jornalismo opinativo, a crônica ainda traz informação – neste caso, claro, com a valoração do fato pelo jornalista.

Mesmo que haja um reconhecimento de uma configuração histórica da crônica e tenhamos tentativas do seu enquadramento em uma forma discursiva, de modo a caracterizá-la, por exemplo, como gênero jornalístico informativo ou gênero jornalístico opinativo, existem indicações de uma indefinição epistemológica que a constitui. Os argumentos são diversos e na pesquisa que fizemos em artigos apresentados em congressos da Intercom localizamos alguns argumentos que ratificam as incertezas que pairam quanto à definição do gênero. Neto (2011, p. 1-2) diz que tem “[...] encontrado, no decorrer de nossos estudos, muitas definições que quase sempre só confundem, que se contradizem ou mesmo que nada informam, pois que são muito abstratas”. Para Ramos (2012, p. 6), “a crônica não é um gênero fechado, está longe de padrões rígidos e fixos e, por isso, levanta diversos questionamentos”. França e Dantas (2012, p. 4) afirmam que a ambiguidade é uma das características da crônica “[...] por uma imprecisão na definição do seu gênero [...]”. Chiquim (2014, p. 7) reconhece a dificuldade de classificação da crônica: “Por força da sua ambiguidade – objetividade do jornalismo e subjetividade da criação literária – a crônica tornou-se de difícil classificação. Nela, o acontecimento diário é narrado sob a visão criativa do escritor”. E, ainda que tenhamos uma definição da crônica no jornalismo brasileiro como gênero opinativo, há quem veja nela um potencial informativo: “[...] pode ainda apresentar uma forma narrativa que conta uma história, ser uma crônica informativa que expõe os fatos ao leitor ou, finalmente, apresentar apenas comentários sobre fatos” (TRAVANCAS, 2009, p. 3).

A AMBIVALÊNCIA DO GÊNERO

As crônicas ‘O que faz um centroavante’, de David Coimbra, e ‘Danke, Alemanha’, de Diogo Olivier, tratam, respectivamente, dos jogos entre Uruguai e Inglaterra e Alemanha e Argentina da Copa do Mundo de 2014, no Brasil. Os textos podem ser considerados crônicas porque se apropriam de um fato para apresentá-lo ao leitor sob o olhar subjetivo dos jornalistas; o elemento narrativo se faz presente, bem como o comentário e a opinião sobre o que é narrado; não há preocupação em tratar do assunto a partir das diferentes percepções que permite, com a apresentação dos pontos

de vista dos envolvidos. O que existe é um relato comentado do jornalista sobre uma realidade vivida ou testemunhada por ele, ainda que não presencialmente, mas através de meios de comunicação.

Ambos os textos de David Coimbra e Diogo Olivier aparecem sem vinculação às páginas de opinião do Jornal da Copa e não estão localizados em colunas ou seções específicas. Pelo contrário, seu formato se assemelha mais ao de uma notícia ou reportagem, na medida em que o texto é ilustrado por imagens, traz a cartola – com a identificação do assunto a que se refere –, título e subtítulo. Mesmo assim cada texto se caracteriza como crônica pela forma que está construído.

A crônica de cada jornalista é estruturada em torno de um eixo principal a partir do qual a narração e a opinião tomam forma. Numa espécie de introdução à narrativa, primeiro ganha destaque o comentário. Assim, há um encaminhamento do texto no sentido de que a narrativa posterior corrobora os argumentos iniciais. Ao longo do texto é dada maior ênfase à informação, ao que aconteceu dentro de campo, numa justificação ao posicionamento de cada cronista que começa pelo título.

Os títulos são esclarecedores no sentido de que transmitem ao leitor o sentimento dos cronistas. São uma tradução das impressões que tiveram em relação à partida e, desta forma, acabam configurando o elemento central do assunto em questão. Em ‘O que faz um centroavante’ está implícito um conhecimento de David Coimbra a respeito da função desempenhada pelo jogador Luiz Suárez, do Uruguai. O fato de ter sido decisivo na partida ao marcar dois gols na vitória por 2 a 1 contra a Inglaterra é subtraído como o acontecimento mais marcante do jogo. E, a partir daí, David Coimbra constrói sua narrativa de modo a passar a sensação ao leitor de que ele sabe o que um centroavante faz. Além disso, o título indica que está por vir uma narração, pois o sentido que dele emerge é o da constatação de um fenômeno, que será contado. No título ‘Danke, Alemanha’, da crônica de Diogo Olivier, também se faz presente um traço de uma relação individual do cronista com o acontecimento. Se, em David Coimbra, emerge um discurso de conhecimento de causa, em Diogo Olivier a relação é de encantamento, de afetação pelo acontecimento. O que está por trás do título – apoiado no subtítulo, que confirma o sentimento de euforia do jornalista – é a indicação de um relato da experiência do cronista a partir do que vivenciou. Há a insinuação de uma certa ficcionalidade em relação ao título que David Coimbra, que parece mais informativo.

Uma das características da crônica, que é a leveza no tratamento do tema, começa pelos títulos e se desenvolve ao longo dos textos. O uso de expressões coloquiais caracteriza essa espécie de conversa fiada que os cronistas estabelecem com seus leitores. Ambos os textos são intimistas, buscam uma proximidade com o leitor. Há a tentativa por parte dos jornalistas de provocar em quem lê as crônicas uma imersão nos acontecimentos. O tratamento do resultado dos jogos a partir de pontos de vista e da interpretação desses comunicadores dá vitalidade a cada acontecimento. A mescla entre informação e opinião torna o texto rico em sentidos de modo a não o tornar engessado. A verve literária se mistura à objetividade jornalística que tem como premissa básica a transmissão de informação.

Na crônica de David Coimbra, a opinião se destaca com mais força no início do texto, quando ele enfatiza a característica do jogador Luis Suárez, do Uruguai: “Suárez é centroavante. Dizer que um jogador é centroavante é mais do que definir sua posição. É fazer-lhe um elogio. Porque centroavante não é apenas substantivo; é adjetivo. Não. Melhor: centroavante é verbo. Centroavante faz acontecer”. A informação aparece nos momentos em que David Coimbra trata diretamente dos fatos de dentro de campo, como em: “Aos 30 (minutos), Rooney acertou uma cabeçada no travessão. Será que ele passaria mais uma Copa do Mundo, a terceira da sua carreira, sem marcar um único gol?”. Como esse trecho já sugere, há momentos em que informação e opinião, e relato e comentário, aparecem ainda mais próximos. O jornalista usa termos como “luziu” e “a estrela do centroavante” para informar o momento do jogo em que Luis Suárez marcaria seu segundo gol. Assim como há partes em que a informação parece se sobrepor ao comentário: “Num contragolpe veloz, a bola caiu no bico esquerdo da área inglesa, nos pés de Cavani. Suárez corria pelo meio, olhando o lance. Imiscuiu-se num desvão às costas dos zagueiros. Cavani levantou a bola. E Suárez meteu-lhe a cabeça: 1 a 0 para o Uruguai”.

No mesmo modelo segue a crônica de Diogo Olivier. Inicialmente há um destaque para a opinião do jornalista. Ele afirma: “Havia tempo a Copa não produzia um campeão tão justo e inatacável sob todos os aspectos”. Nos trechos seguintes a uma combinação entre informação e opinião que se manifesta pela forma como o cronista interpretou o resultado da partida com a conquista da Alemanha: “Agora, como acontece após todas as Copas, as seleções do planeta perseguirão o estilo campeão. [...] A Argentina é menos time, mas compensou tudo com raça desmedida e uma disciplina pétrea para se defender”. E há momentos, principalmente, quando se trata de narrar os

lances da partida, em que a informação prevalece no discurso de Diogo Olivier: “Aos 19, Higuaín chutou torto, de dentro da área, tendo apenas Neuer à frente, após Kroos cabecear para trás. Depois, Higuaín marcou um gol bem anulado, aos 28, recebendo cruzamento de Lavezzi”.

O que fica evidente, portanto, é que informação e opinião convivem tanto na crônica de David Coimbra quanto na crônica de Diogo Olivier. É o que acontece também com o relato e o comentário. Em momentos do texto vai predominar uma forma, mas em outros instantes elas estão mais próximas, aparecendo combinadas, tornando a crônica ambivalente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões acima, nossa hipótese é de que, ainda que a crônica figure no jornalismo brasileiro em geral como um gênero opinativo, no jornalismo esportivo, em que o folkjornalismo é exercido em sua excelência, nem sempre há como determinar com precisão o gênero a que pertence. As crônicas sobre os jogos da Copa não ocupam, necessariamente, os espaços voltados para a opinião e, somando-se a isso, a combinação de gêneros no jornalismo esportivo nos remete ao fato de que a crônica pode até se confundir com a notícia; a diferença é que aqui o relato e a informação do acontecimento são trazidos na visão pessoal e subjetiva do jornalista, em que não há uma preocupação com isenção, imparcialidade ou objetividade.

Nesse sentido, a literatura e o jornalismo aparecem próximos pelo tom poético como os discursos são encaminhados. Isso gera uma maior proximidade do leitor com o conteúdo do jornal e com o próprio veículo. A temática do esporte e, nesse caso, do futebol facilitaria a emergência de uma linguagem mais híbrida e menos rígida. A propósito dessa peculiaridade temática, que envolve um caráter lúdico, de entretenimento e lazer na sociedade, a forma com que a crônica aparece diagramada poderia nos enganar quanto à característica do discurso do jornalista. Mas parece-nos claro que estamos diante de crônicas pela forma como os textos são estruturados e os argumentos são desenvolvidos pelos seus autores, que surgem como narradores de uma realidade vivenciada ou, no mínimo, testemunhada por meio da mídia, como no caso de David Coimbra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CHIQUIM, Giovana. *Uma análise personalista do fato: o comportamento do cronista como ensaísta no jornal diário*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37ª ed., 2014. Foz do Iguaçu (PR). Anais... São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1300-1.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2015.

DANTAS, Josenilma Aranha; FRANÇA, Elziene Lobato. *A Crônica de José Chagas*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 14ª ed., 2012. Recife (PE). Anais... São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0953-1.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2015.

FERREIRA, Simone Cristina Salviano. *A crônica: problemáticas em torno de um gênero*. Uberlândia, 2005. 206 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2005.

MARQUES, José Carlos. *A crônica de esportes no Brasil: algumas reflexões*. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33ª ed., 2010. Caxias do Sul (RS). Anais... São Paulo: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0325-1.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2015.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (orgs.). *Gêneros jornalísticos no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

NETO, Vicente Bezerra. *Crônica: gênero dissertativo? Uma análise da crônica “Praia do Futuro/31 de Março”, de Demitri Túlio*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34ª ed., 2011. Recife (PE). Anais... São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1555-1.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2015.

RAMOS, Gabriela. *A crônica como interseção entre jornalismo e literatura*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 17ª ed., 2012. Ouro Preto (MG). Anais... São Paulo: Intercom, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1901-1.pdf>. Acesso em: 19 de agosto de 2015.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. *Um pé no jornalismo e outro na literatura: as crônicas de Drummond das décadas de 60, 70 e 80*. In: GT Estudos de Jornalismo, XVIII Encontro da Compós. Belo Horizonte, PUC/MG: Junho de 2009.